



Os usos de obras complementares: o que dizem professoras(es) alfabetizadoras(es)?¹

Use of readers: what do literacy teachers say?

Estephane Priscilla dos Santos MENDES² | Aleksandro da SILVA³

Resumo: Este estudo teve como objetivo investigar os usos que professores alfabetizadores fazem do acervo de obras complementares do Programa Nacional do Livro Didático em suas salas de aula. Interessava-nos, de modo mais específico, analisar como essas obras eram utilizadas para o ensino do sistema de escrita alfabética e como suporte para a elaboração de sequências didáticas interdisciplinares. Para a realização desta pesquisa, entrevistamos um conjunto de 6 professores do ciclo de alfabetização. Para análise dos dados obtidos, optamos pela análise de conteúdo, do tipo temática categorial. Ao analisarmos as entrevistas, pudemos perceber aspectos importantes quanto à utilização dos Acervos Complementares pelos docentes participantes da pesquisa: o uso das obras como complementação para o planejamento didático e para elaboração de sequências didáticas interdisciplinares, além do incentivo à leitura através do empréstimo dos livros. No entanto, também percebemos uma escassez de uso desse material para o ensino do sistema de escrita alfabética.

Palavras-chave: Acervos complementares. Formação continuada. Alfabetização. Ensino e aprendizagem.

Abstract: This study aimed to investigate the uses of readers literacy teachers make as part of the National Textbook Program in their classrooms. It interests us, more specifically, to analyse how these books were used as part of the literacy process as a support for the development of interdisciplinary didactic sequences. To develop this research, we interviewed a group of 6 literacy cycle teachers. As a means of analysing data, we chose the thematic content category. In the analysis of the interviews we found out important aspects on the use of readers by the teachers who took part in the interview: the use of readers as a complement of lessons planning and in the development of interdisciplinary didactic sequences, besides these aspects the encouragement of reading through book loan projects. However, we also noticed a lack of use of this material in the teaching of the alphabetic writing system.

Keywords: Complementary books. Continuing education. Literacy. Teaching and learning.

1 Este texto emerge de inquietações decorrentes de pesquisas de PIBIC e participações (como monitora voluntária) no curso de formação dos orientadores de estudo do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC).

2 Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Centro Acadêmico do Agreste, CAA. estephane92@hotmail.com

3 Doutor em Educação. Professor da Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Centro Acadêmico do Agreste, CAA.

Introdução

Durante muitos anos, o ensino da leitura e da escrita restringiu-se a uma questão de métodos. Na década de 70 do século XX, no Brasil, assim como em outros países, trava-se uma disputa entre os métodos de alfabetização analíticos (que procedem do ‘todo’ para as ‘partes’) e sintéticos (que adotam o caminho inverso). Esses métodos concebiam as competências de ler e escrever apenas como o domínio de processos de ‘codificação’ e ‘decodificação’.

É sobretudo a partir da década de 1980 que esses métodos tradicionais de ensino da leitura e da escrita começam a ser criticados, devido a mudanças conceituais no campo da alfabetização, advindas, principalmente, da difusão da teoria da Psicogênese da Língua Escrita, de Emília Ferreiro e colaboradores (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985). Segundo Mortatti (2000), essa nova perspectiva deslocou a discussão sobre o “como se ensina” para o “como se aprende”, mudando a compreensão sobre como as crianças se apropriam do SEA. Essas descobertas contribuíram para mudanças relativas à maneira de tratar o ensino de língua materna a partir de uma concepção distinta de alfabetização.

Na década de 1990, difundiram-se no Brasil os estudos sobre o letramento, que, segundo Soares (2012), é entendido como o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais diversas. Nessa perspectiva, o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e escrever no contexto de práticas sociais diversas de leitura e escrita.

Desse modo, podemos afirmar que, a partir dessas perspectivas, não haveria mais espaço para usar textos “artificializados” como aqueles encontrados nas antigas cartilhas. As crianças já chegam à escola tendo contato com a língua escrita (algumas de maneira mais marcante que outras), e essas experiências de interação informal são fundamentais para o processo de escolarização, embora não suficientes. Assim, a escola tem o dever de sistematizar os conhecimentos relativos à compreensão e à produção de textos escritos (LEAL, 2005).

Nesse contexto, o Ministério da Educação (MEC) tem disponibilizado às escolas de todo o país um conjunto de livros intitulado “Acervos Complementares”, tendo como objetivo oferecer a professores e alunos alternativas e formas de trabalho e de acesso a conteúdos curriculares que as coleções didáticas não proporcionam. Conforme está descrito no manual das obras complementares do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2010, estes livros “foram escritos diretamente para os jovens leitores, inclusive os iniciantes; e é a essas crianças que eles pretendem seduzir, informar, divertir, convencer etc.” (BRASIL, 2009, p. 9).

Neste texto, portanto, buscamos investigar os usos que professores alfabetizadores fazem do acervo de obras complementares do PNLD em suas salas de aula. Em seguida, apresentaremos e discutiremos o que seria este acervo e quais as contribuições que ele pode trazer para o ciclo de alfabetização. Depois, traremos falas de professores e professoras alfabetizadoras sobre o material, através de relatos de experiências. Para isso,

entrevistamos um conjunto de 6 docentes (5 professoras e 1 professor), de forma que fosse possível acessar suas práticas de ensino da leitura e da escrita a partir da utilização do acervo de obras complementares e analisar sua utilização como suporte para o ensino do SEA e para a realização de sequências didáticas interdisciplinares. Finalmente, tecemos algumas considerações finais, relacionando o que apontam os direcionamentos para uso do material e o que dizem as professoras.

O que são os acervos complementares?

Com a implantação do Ensino Fundamental de 9 anos, foram necessárias algumas modificações curriculares, a fim de integrar aspectos da Educação Infantil à organização e ao funcionamento de todo o Ensino Fundamental, em especial às séries iniciais (do 1º ao 5º ano⁴). Desse modo, o Conselho Nacional de Educação, em sua resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010, estipulou o tempo escolar correspondente aos 3 (três) anos iniciais do Ensino Fundamental como “anos de alfabetização”, estabelecendo a expectativa de que, ao final dessa etapa de escolarização, as crianças estejam alfabetizadas, ou seja, tenham se apropriado do SEA e “leiam e produzam textos simples e curtos com autonomia, podendo servir-se da escrita como instrumento tanto de sua inserção social cotidiana quanto de escolarização” (BRASIL, 2012, p. 14)

Nessa perspectiva, é papel do ciclo de alfabetização ajudar as crianças a compreenderem a cultura escolar, contribuindo, assim, para aprendizagem da leitura e da escrita, ampliando as suas capacidades de compreensão e produção textual, tendo em vista que, na sociedade letrada em que vivemos, as crianças já chegam à escola com alguns conhecimentos sobre leitura e escrita.

Para que esses objetivos sejam alcançados, faz-se necessário um planejamento didático que permita às crianças conviverem com diferentes livros e/ou recursos didáticos que promovam situações em que leitores mais experientes possam servir como escribas ou como “letores”, mediando, assim, as relações desses pequenos aprendizes com o mundo da escrita e da leitura. Também é pertinente propor situações nas quais as crianças possam brincar de ler e escrever espontaneamente textos, mesmo que ainda não tenham se apropriado do SEA, como descrito nos manuais das obras e nos cadernos de formação do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC)⁵. Como destacam Leal e Rodrigues,

[...] é o planejamento que pode garantir que o dia a dia da sala de aula seja mais atraente e promova aprendizagens mais significativas. Para que isso ocorra, é preciso facilitar o acesso a variados materiais escritos que circulam na sociedade, tais

4 Nesse trabalho, deteremo-nos apenas aos 3 (três) primeiros anos do Ensino Fundamental, que compreendem o ciclo de alfabetização.

5 Mais especificamente nos cadernos da unidade 2, que trata de planejamento escolar, e da unidade 6, que trata de sequências didáticas e projetos didáticos.

como os jornais, as revistas, os cartazes, os panfletos, as embalagens. Em suma, qualquer portador textual que possa ser objeto de atenção pode ter seu espaço na sala de aula. No entanto, os livros são, sem dúvida, recursos centrais, sobretudo, na área de ensino da língua portuguesa (LEAL; RODRIGUES, 2011, p. 99).

A fim de atender aos objetivos traçados para o ciclo de alfabetização, o MEC tem disponibilizado para as escolas de todo o país, conforme dissemos anteriormente, um conjunto de livros/obras intitulados de Acervos Complementares. Essas obras são recursos que podem favorecer a ampliação do letramento das crianças e propiciar a reflexão sobre a escrita alfabética, além de favorecer o contato das crianças com variadas áreas do conhecimento escolar.

A organização desse material permite a professores e alunos uma amplitude de alternativas de trabalho. Trata-se de um material de caráter didático, mas que tem como principal função despertar a curiosidade natural da criança, incentivando-a a ler por conta própria, conforme descrito no manual das obras. Cruz e Albuquerque (2012) destacam ainda que esse material chega às escolas para diversificar os recursos para o ensino da leitura e da escrita no ciclo de alfabetização,

Favorecendo não apenas uma aprendizagem significativa para as crianças, pela beleza e qualidade dos livros, fatores que instigam a curiosidade dos alunos, a busca pela leitura, mas também oportunizando aos docentes fazerem de suas práticas mediações que envolvam planejamentos sistematizados com uma riqueza de textos envolvendo diversos gêneros textuais, promovendo o letramento (ALBUQUERQUE; CRUZ, 2012, p. 33)

Ainda segundo as autoras acima citadas, essas obras podem influenciar de forma positiva não apenas as habilidades de compreensão textual de maneira geral, mas também a apropriação das habilidades relativas ao SEA, como o conhecimento do nome das letras, as correspondências grafofônicas, as rimas e as aliteraões, por meio de textos variados, como parlendas, trava-línguas, poemas, histórias, dentre outros.

No ano de 2010, esse acervo atendia às turmas de 1º e 2º ano, com a distribuição de 150 livros. Leal e Rodrigues (2011) agruparam as obras do acervo de 2010 em seis tipos, sendo eles: livros de biografia, livros instrucionais, livros de cantigas, parlendas, trava-línguas e jogo de palavras, livros de palavras, de imagens e histórias com foco em conteúdos curriculares.

Em 2013, o acervo foi ampliado, atendendo assim às turmas de 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental, totalizando 180 livros. Nesse novo acervo, nove tipos de obras podem ser encontradas, segundo Leal e Lima (2012). São eles: livros de divulgação do saber científico/obras didáticas; biografias; livros instrucionais; livros de cantigas, parlendas, trava-línguas, jogos de palavras; livros de palavras; livros de imagens; livros de histórias com foco em conteúdos curriculares, histórias em quadrinhos e livros literários.

Em suma, este material pode ser um instrumento eficaz de apoio ao professor no que se refere ao processo de alfabetização e formação do leitor, ao acesso do aluno ao mundo da escrita e à cultura letrada e ao ensino-aprendizagem de conteúdos curriculares, pois são livros que usam linguagem verbal adequada à faixa etária das turmas do ciclo de alfabetização e abordam os conteúdos de forma lúdica e diversificada. (BRASIL, 2012, p. 39).

Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) e Acervos Complementares

No ano de 2012, foi lançado pelo Governo Federal o Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), constituindo-se enquanto um compromisso formal assumido pelos governos federal, estaduais e municipais, de assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até o final do 3º ano do Ensino Fundamental, o que significa não apenas ter compreendido o SEA e dominado as correspondências grafofônicas, mas também ler e produzir textos com autonomia. Entre as ações do Pacto, encontram-se a formação continuada de professores alfabetizadores e a distribuição de materiais didáticos (obras literárias, obras de apoio pedagógico, jogos e tecnologias educacionais).

O caderno de apresentação do PNAIC ressalta o compromisso em “ampliar o universo de referências culturais das crianças, bem como contribuir para ampliar e aprofundar suas práticas de letramento” (BRASIL, 2012 p. 07), de forma que as crianças tenham acesso à diversidade de gêneros textuais que circulam em diferentes esferas sociais. No entanto, compreende-se que, para que as crianças possam efetivamente inserir-se em práticas sociais de leitura e de escrita, não basta ter contato com diferentes textos, pois é necessário também aprender a ler e escrever com autonomia.

Para que isso se concretize, o PNAIC traz em seus materiais Cadernos de Formação para os professores. O caderno da unidade 5 do 1º ano do Ensino Fundamental, por exemplo, apresenta como temática “Os diferentes textos em salas de Alfabetização”, tendo como objetivos: “entender a concepção de alfabetização na perspectiva do letramento; analisar e planejar projetos didáticos para turmas de alfabetização, integrando diferentes componentes curriculares, e atividades voltadas para o desenvolvimento da oralidade, leitura e escrita; conhecer os recursos didáticos distribuídos pelo Ministério da Educação e planejar situações didáticas em que tais materiais sejam usados” (BRASIL, 2012, p. 5)

A escola, portanto, pode ser um espaço de ampliação das possibilidades de conhecimentos em situações diversas e, para que isso se efetive, é importante que, além das atividades de língua portuguesa e matemática, as crianças tenham acesso a outras áreas do conhecimento, em uma perspectiva interdisciplinar, envolvendo-as, assim, em um universo de possibilidades de aprendizagem.

Considerando que as obras complementares são recursos que podem contribuir para o letramento das crianças e para a reflexão sobre o sistema de escrita alfabética, além de favorecer descobertas sobre o mundo por meio de situações prazerosas de leitura, desenvolvemos um estudo que teve como objetivo investigar como professores e professoras do ciclo de alfabetização têm utilizado as obras dos Acervos Complementares em sala de aula. De modo mais específico, buscamos analisar como essas obras são utilizadas para o ensino do SEA e como suporte para a elaboração de sequências didáticas interdisciplinares.

Os aspectos metodológicos do estudo

Nesta pesquisa, em função da própria natureza do objeto a ser analisado, optamos por uma abordagem qualitativa, por permitir a produção de dados considerando significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, estando “principalmente interessada em como as pessoas experimentam, entendem, interpretam e participam de seus mundos social e cultural” (LANKSHEAR; KNOBEL, 2008, p. 66).

A pesquisa foi desenvolvida com um grupo de 6 docentes do ciclo de alfabetização, sendo 5 professoras e 1 professor, da rede municipal de ensino da cidade de Palmares, localizada na Zona da Mata Sul do estado de Pernambuco. Para esse estudo, entrevistamos 2 professoras(es) de cada ano do ciclo (1º, 2º e 3º), e os professores foram escolhidos tendo como critério a sua participação no curso de formação continuada ofertado pelo PNAIC no ano de 2012. O Quadro abaixo apresenta o perfil profissional dos sujeitos desta pesquisa:

Quadro 1 – Perfil Profissional dos Professores Entrevistados

| | Professora A – 1º ano | Professora B – 2º ano | Professora C – 3º ano | Professora D – 1º ano | Professora E – 2º ano | Professor F – 3º ano |
|---------------------------------------------|---------------------------------------------------|----------------------------------|--------------------------------------|------------------------|------------------------|--------------------------|
| Ensino Médio (curso e tipo de instituição) | Magistério e Estudos Gerais (pública) | Magistério (pública) | Magistério e Contabilidade (privada) | Magistério (pública) | Magistério (pública) | Magistério (pública) |
| Graduação (curso e tipo de instituição) | Pedagogia (Privada) Letras (Privada) em andamento | Pedagogia (privada) em andamento | História (privada) | Pedagogia em andamento | Pedagogia em andamento | Pedagogia (privada) |
| Pós-graduação (curso e tipo de instituição) | _____ | _____ | Educação Especial | _____ | _____ | Psicopedagogia (privada) |

| | | | | | | |
|-------------------------------------|-------------------|---------------|---------|---------|---------|---------|
| Tempo de docência | 18 anos | 16 anos | 23 anos | 08 anos | 03 anos | 30 anos |
| Tempo de docência em escola pública | 10 anos | 07 anos | 16 anos | 08 anos | 02 anos | 30 anos |
| Trabalho em outra escola | Sim, coordenadora | Sim (privada) | Não | Não | Não | Não |
| Exerce outra profissão | Não | Não | Não | Não | Não | Não |

Podemos perceber, a partir do Quadro 1, que, no ensino médio, todos os professores cursaram o Magistério e, com exceção de uma das participantes, todos cursaram ou cursam licenciatura em Pedagogia. Outro aspecto relevante é que, ao contrário do que muito se discute no que se refere à sobrecarga dos professores, que muitas vezes trabalham em duas ou três escolas diferentes, percebemos que esses professores, em sua maioria (4/6), não trabalhavam em outra escola e não exerciam outra profissão. Quanto ao tempo de docência, notamos que é bem diversificado, contemplando professores de 3 a 30 anos de docência.

Realizamos entrevistas semiestruturadas com esses docentes no período de junho e julho de 2014, com gravações em áudio. A produção de dados através da entrevista permite que os dados sejam analisados quantitativamente e qualitativamente, além de ser um instrumento que pode ser utilizado com qualquer segmento da população (PÁDUA, 2004, p. 70). Nossa escolha pela técnica da entrevista semiestruturada foi motivada pela abertura que essa técnica tem, pois, apesar da elaboração de um roteiro prévio, o entrevistado pode falar livremente sobre temas referentes ao tema principal, sem abandonar o foco. Conforme Pádua (2004),

O pesquisador organiza um conjunto de questões sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal (PÁDUA, 2004, p. 70).

Os dados obtidos a partir dessas entrevistas foram submetidos à análise de conteúdo, que foi desenvolvida por temas (análise temática categorial) e envolveu as seguintes etapas: pré-análise, análise do material (codificação e categorização da informação) e tratamento dos resultados, inferência e interpretação (BARDIN, 1979).

Os usos das obras complementares: o que, afinal, disseram os professores?

1. Impressões acerca do acervo de obras complementares e das contribuições da formação do PNAIC para o uso desse material

Inicialmente questionamos os docentes sobre as impressões que eles tinham sobre o acervo de obras complementares. Todas as respostas foram positivas e apontaram que eram distintos e ao mesmo tempo complementares os motivos que levavam esses docentes a aprovarem o material. Dentre esses motivos, destacaram-se a qualidade e beleza do material; a ludicidade dos textos e das figuras; os diversos tipos de leitura que podem ser encontrados; a possibilidade de estabelecer relações com diversas áreas do conhecimento; os conteúdos, que contemplam os interesses e gostos das crianças. A seguir, podemos observar o extrato de uma das entrevistas:

[...] incentiva os alunos porque tem livros com diversos tipos de leitura, é bem assim, bem legal mesmo. Gostei muito de trabalhar com esse acervo, porque tem todo tipo de leitura que você imaginar e deixa as crianças, assim, bem motivadas pra trocar, tem vários tipos de leitura que ele vai poder trocar, vai poder ler com os colegas, tanto na sala quanto levando pra casa. Eu achei muito, muito bom. Eu achei que, assim, conseguiu fazer com que as crianças se interessassem pra ler, tá entendendo? (Professora B – 2º ano)

Como afirmam Cruz e Albuquerque (2012), esse material chega às escolas para complementar o trabalho do professor em sala de aula e instigar a atenção e o interesse das crianças pela beleza e qualidade dos livros. Isso fica evidente nas entrevistas dos docentes, como na fala da professora B: “tem todo tipo de leitura que você imaginar e deixa as crianças assim bem motivadas pra trocar [...] conseguiu fazer com que as crianças se interessassem pra ler”. Esse interesse enfatizado pela professora B demonstra o que foi afirmado pelas autoras citadas anteriormente e converge com um dos objetivos do Acervo Complementar em sala de aula, que é o de seduzir, informar, divertir e convencer os leitores iniciantes (BRASIL, 2009).

Questionamos ainda se o curso de formação continuada ofertado pelo Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) tinha contribuído para a utilização desse material em sala de aula, o que foi respondido de forma positiva por todos eles. Ressaltaram a importância desse curso, por ser um momento de troca de experiências entre eles, por dar o embasamento necessário e por permitir que as dúvidas fossem retiradas através das conversas entre eles e os orientadores de estudo. Para ilustrar tais dados, apresentamos mais um extrato de entrevista:

Tem, contribui muito, porque são nessas reuniões mensais que a coordenação trabalha com esse material do Pacto e tudo que a gente utiliza na sala de aula a gente

trabalha lá, leva pra prática, e a gente apresenta o que faz lá, e é muito bom essa parceria entre professores e coordenadores. A gente sempre tem uma tarefa pra desenvolver em sala de aula e essa tarefa é apresentada na reunião seguinte e debatida, o que foi bom e o que não foi e o que precisa melhorar (Professor F – 3º ano).

Um dos objetivos da formação ofertada pela PNAIC é incentivar o professor a utilizar os diversos materiais e recursos didáticos para organizar e planejar o trabalho pedagógico no ciclo de alfabetização. Foi nítido nas respostas dadas pelos docentes que a formação parecia estar contribuindo de forma relevante para a utilização das obras no cotidiano de suas turmas. As respostas dos professores entrevistados dão indícios de que a formação tem sido positiva para auxiliá-los no trato com esses materiais em sala de aula, à medida que promove momentos de troca de experiências e exposição e debate sobre as dúvidas que surgem em sala de aula. Alguns professores apontam os encontros do PNAIC como um **norteamento** e **orientação** para a prática, ao permitir aos professores, coletivamente, debater o que foi positivo e o que precisa melhorar durante as atividades realizadas com seus alunos.

2. O uso das obras complementares: ensino da leitura e da escrita e trabalho interdisciplinar

Os acervos complementares possuem livros especialmente voltados para o ensino do SEA. Segundo o manual de acervos complementares, são exemplos de livros propícios para atividades de apropriação do SEA aqueles que apresentam palavras em ordem alfabética, que podem ser utilizados para a construção de um conjunto de “palavras estáveis/fixas”⁶, permitindo ao professor realizar atividades sistematizadas de correspondências grafofônicas e/ou utilização de outros suportes textuais para pesquisa de palavras com a escrita semelhante à do livro trabalhado (BRASIL, 2009, p. 47)

Ainda segundo o manual, existem outros livros que podem ser utilizados nas atividades de apropriação do SEA. São eles os livros de poemas, trava-línguas, parlendas, histórias, dentre outros, que possuem uma grande quantidade de rimas e aliterações, possibilitando, assim, uma reflexão sobre as semelhanças gráficas e sonoras das palavras, além de serem textos de fácil memorização, o que instiga as crianças a estabelecerem relação entre as partes sonoras e escritas das palavras. Segundo Leal e Lima (2012), “são textos que constituem o nosso acervo cultural e promovem a valorização da tradição oral, pois muitos desses livros divulgam textos que foram originados e difundidos por meio da oralidade” (LEAL; LIMA, 2012, p. 28).

No que se refere às práticas de ensino da leitura e da escrita dos docentes entrevistados, todos eles afirmaram utilizar essas obras para alfabetizar seus alunos, nos eixos

6 “[...] palavras cuja sequência de letras as crianças conhecem de memória, e podem servir de apoio para a leitura e escrita de novas palavras” (BRASIL, 2009, p. 46).

de leitura, análise linguística (apropriação do SEA) e oralidade. Entretanto, as respostas apontaram para um foco maior na leitura e na oralidade. Poucas das professoras entrevistadas conseguiram dar algum exemplo concreto da utilização desse material para o ensino sistemático da escrita alfabética.

Dentre as poucas respostas relacionadas ao eixo de apropriação do SEA, destacou-se o trabalho com as palavras “geradoras” (retirar palavras relevantes dos textos lidos em sala para a pesquisa de palavras semelhantes, por exemplo) e a observação da escrita das palavras, como podemos destacar nas falas das professoras A e C:

Aí, na escrita, a gente trabalha, assim, pelo menos eu, na minha sala de aula, quando eu trabalho aquele texto, eu retiro algumas palavras do texto pra trabalhar a oralidade com eles, né, a leitura e a escrita daquela palavra, e através daquela palavra e utilizo a pesquisa de outras palavras. Então, eu tô trabalhando a oralidade, a leitura e a escrita. (Professora A – 1º ano)

Leitura e escrita também. Por exemplo, a gente pode pegar, escolhe um tema dos livros, faz a leitura e trabalha os gêneros textuais com eles, e trabalha também a interpretação dessa mesma leitura, utilizando o livro do acervo do PNAIC. Além de ver a escrita das palavras. (Professora C – 3º ano)

Apesar das tentativas de reformulação das perguntas ou de exemplificação das respostas, não foi possível identificar atividades sistemáticas de apropriação do SEA a partir do Acervo Complementar nas falas das(os) professoras(es). Entretanto, as atividades de incentivo à leitura livre pelas crianças apareceram na maioria das falas dos docentes, que reconheciam a importância das crianças manusearem o material e o levarem pra casa, para ler com familiares e/ou colegas, como percebemos no extrato abaixo:

cada aluno escolhe o livro que quer ler, mesmo aqueles alunos que ainda não desenvolveram essas habilidades, mas eles pegam, **eles fazem a leitura da maneira deles** [...] E com isso também a gente tem o empréstimo, eles levam pra casa, fazem a leitura, no outro dia devolvem. No final de semana a mesma coisa. Então, **ajuda muito a criança no desenvolvimento da leitura** e do conhecimento, e o contato que ele tem com o livro e a viagem que eles fazem. (Professora C – 3º ano)

Quando nos referimos à leitura, não estamos tratando apenas da leitura oralizada ou leitura em voz alta, tão comum nas turmas de alfabetização ou em outros espaços em que se propõe o ensino da leitura, com o único objetivo de que se desenvolva fluência na leitura e na decodificação de palavras. Aqui referimo-nos à leitura que permite a construção de sentidos, a leitura que atende a diferentes necessidades (pesquisa, deleite, informação, dentre outros).

Em algumas de nossas entrevistas, identificamos tentativas de trabalhar com a leitura para além da oralização. Os professores por nós entrevistados, como dito anteriormente, pareciam compreender a importância de permitir que as crianças tivessem acesso

ao material, manuseando-o e desfrutando de suas histórias, não apenas no ambiente escolar, mas também em casa. Podemos perceber, ainda, que esse material ocupa lugar de destaque nas salas em que entramos para realizar as entrevistas, pois em apenas uma delas os livros estavam guardados nas caixas. Nas demais, estavam dispostos sobre uma mesa, onde se lia "Cantinho da Leitura". Isso evidencia que o material não estava "engavetado" nas salas da coordenação ou bibliotecas da escola, mas estava cumprindo sua função na sala de aula, para ser utilizado e manuseado por professores e por alunos.

Quanto à utilização das obras para a elaboração de sequências didáticas ou projetos interdisciplinares, todos os docentes afirmaram utilizar o material como suporte nesse tipo de planejamento, principalmente pela diversidade de livros no acervo, no qual um mesmo livro pode ser utilizado para explorar diversas disciplinas. Destacamos aqui a fala da professora C, que utilizou esse material para uma elaboração de sequência para o período da Páscoa:

Por exemplo, tem um livro de receitas. Com ele a gente trabalha matemática, né, a gente trabalha o quê? A quantidade, dobro, matemática. Por exemplo, nós trabalhamos no período da Páscoa com esse livro, vendo a escrita, matemática. Aí, de onde vem o leite? Trabalhamos ciências com ele, trabalhamos área rural, né, a geografia. Trabalhamos também história, ou seja, a gente integra com esse livro, né, todas essas disciplinas (Professora C – 3º ano).

As crianças têm uma curiosidade natural, elas estão inseridas no mundo e frequentemente questionam adultos e colegas sobre diversos temas aos quais têm contato, perguntas essas que se relacionam com conteúdos a serem ensinados na escola, e que inquietam ou inquietaram grandes cientistas. Segundo as orientações do manual, as obras que compõem esse acervo complementar têm finalidade didática e pedagógica, pois abordam conteúdos curriculares respeitando a curiosidade infantil e permitindo às crianças aprenderem de forma lúdica, de forma que “qualquer dos temas pode ser explorado em diferentes momentos do ensino-aprendizagem — e do ponto de vista de mais de uma disciplina” (BRASIL, 2009, p. 11).

Como já destacamos anteriormente, as obras que compõem o acervo complementar se caracterizam pela diversidade de tipos de livros. Segundo Leal e Lima (2012), nove tipos de livros foram classificados. Além dos livros que estimulam a reflexão e a apropriação do SEA, encontramos livros que apresentam, por exemplo, o saber científico, revestido de forma que o conteúdo ali tratado seja atraente para as crianças:

Esses livros mais expositivos, embora tenham atributos que os assemelham aos livros técnicos usados por universitários, profissionais das diversas áreas e pesquisadores, quando destinados às crianças, muitas vezes, ganham uma roupagem que os tornam mais atraentes, a fim de prender a atenção dos jovens leitores. Há alguns que dialogam com os gêneros literários e trazem diversos recursos os quais tornam a linguagem mais lúdica e, assim, atraem a criança para a sua leitura não só pela

curiosidade acerca do tema, mas também em razão dos efeitos estéticos que tais obras promovem. As imagens, a diagramação, as cores, sem dúvida, desempenham papéis fundamentais neste processo (LEAL; RODRIGUES, 2011, p 102).

Mas, ao defender a presença das diferentes áreas de conhecimento no ciclo de alfabetização, não defendemos a fragmentação do ensino por disciplinas, e, sim, uma abordagem interdisciplinar, como ressaltado e abordado nos manuais que acompanham as obras e nos cadernos de formação do PNAIC. É necessário que exista uma integração dessas áreas com o processo de alfabetização na perspectiva do letramento. Segundo as docentes entrevistadas, é possível trabalhar diferentes disciplinas a partir destes livros, inclusive diversas áreas em um mesmo livro, como destacamos na fala da professora C (3º ano).

3. Experiências positivas de utilização do acervo complementar

A perspectiva do alfabetizar letrando parte da compreensão de que não adianta aprender uma técnica (no caso do ciclo de alfabetização, apropriar-se do SEA), sem saber fazer usos sociais da técnica aprendida (SOARES, 2012). Diante disso, percebemos que é importante auxiliar os estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental a compreender textos, desenvolver comportamentos leitores e ampliar seu universo cultural, simultaneamente ao ensino do SEA, familiarizando as crianças com os diferentes suportes textuais que circulam socialmente (livros, revistas, jornais, panfletos, dentre outros). Diante disso, um dos critérios de seleção dos livros que compõe o acervo complementar seria o estímulo e o desenvolvimento de estratégias de leitura:

Para subsidiar o trabalho do (a) alfabetizador (a) nessa perspectiva, o acervo de obras complementares apresenta *obras mais especificamente favoráveis à leitura partilhada, mediada pelo professor, e obras voltadas para a reflexão sobre o SEA e para o desenvolvimento da leitura autônoma*, encorajando as crianças a tentar ler sozinhas [...] podemos garantir que todos os acervos distribuídos nas escolas colaboram para o desenvolvimento das estratégias de leitura. Os livros foram cuidadosamente escolhidos para permitir que a leitura mediada pelo professor seja feita de modo que as crianças ampliem seu vocabulário, familiarizem-se com diferentes gêneros de textos e desenvolvam diferentes estratégias de leitura e escrita (BRASIL, 2009, p. 45, grifo no original).

O documento apresenta, ainda, sugestões para os professores realizarem a leitura em sala de aula. Nesse sentido, como aspecto positivo de utilização das obras em suas turmas de alfabetização, os docentes entrevistados afirmaram que o “avanço” na leitura foi algo significativo. Em nossas entrevistas, todos os docentes ressaltaram esse avanço por parte das crianças, como destacamos nos extratos abaixo:

[...] é o aprendizado do aluno, né? É uma das experiências positivas. Nosso alunado aqui já tá lendo, já tá produzindo. Eu, como estou no 1º ano, então meu aluno do 1º ano ele já está lendo palavras, já está lendo frases, já tá lendo pequenos textos (Professora A – 1º ano).

As crianças saírem lendo. Eu acho que foi o positivo o entusiasmo dos meninos com os livros, com o cantinho da leitura, e eles saírem lendo. Eu acho que isso foi a experiência positiva, que eu nunca vi tanto aluno numa turma só sair lendo feito o ano passado, e esse ano já está seguindo, já evoluindo (Professora B – 2º ano).

Percebemos, nas falas desses docentes, que o avanço na leitura tem sido significativo e esse avanço ocorreu a partir do contato das crianças com esses diferentes livros: o interesse que os alunos têm de pegar o material, de levar pra casa, de trocar com os colegas e de mostrarem ao professor que compreendem o que está escrito ali, seja um livro de imagens ou de histórias em quadrinhos.

Acreditamos, assim, que o contato com o material é importante para que as crianças mantenham aceso o estímulo e o interesse pela leitura, como enfatizou a professora C em uma de suas falas: “ajuda muito a criança no desenvolvimento da leitura e do conhecimento, e o contato que ele tem com o livro e a **viagem** que eles fazem”. Ao considerar a leitura como uma viagem, percebemos que a docente não se limita à fluência em leitura ou à oralização, mas compreende que a leitura é uma viagem, que permite aos alunos ampliar saberes e conhecer outros lugares, sem necessariamente “sair do lugar”.

Algumas considerações finais

Ao analisarmos as entrevistas, pudemos perceber aspectos importantes quanto à utilização dos Acervos Complementares pelos docentes participantes da pesquisa. Dentre esses aspectos, destacaram-se o uso das obras como complementação para o planejamento didático e para elaboração de sequências didáticas interdisciplinares, além do incentivo à leitura através do empréstimo dos livros.

Os acervos de obras complementares chegam às escolas para auxiliar o professor em seu trabalho pedagógico, estimular as crianças no desenvolvimento da leitura, na reflexão sobre o Sistema de Escrita Alfabética e favorecer às crianças o contato com as diferentes áreas do conhecimento escolar.

De acordo com as entrevistas que realizamos durante este estudo, constatamos que estes livros estão sendo aceitos por professores e alunos, por diversos motivos. Dentre eles, a qualidade e beleza do material; a ludicidade dos textos e das figuras; os diversos tipos de leitura que podem ser encontrados; a possibilidade de estabelecer relações com diversas áreas do conhecimento e os conteúdos, que contemplam os interesses e gostos das crianças.

Percebemos, ainda, que as formações ofertadas pelo PNAIC têm contribuído para que os professores utilizem esse material em sala de aula, à medida que promovem momentos de interação entre os pares, a discussão dos aspectos positivos e daquilo que precisa ser melhorado em sala de aula, além de oferecer embasamento teórico necessário para a elaboração de planejamentos que contemplem a utilização desse material.

Dentre os muitos aspectos positivos que identificamos nas entrevistas realizadas, destacamos o trabalho interdisciplinar, o incentivo à leitura por meio do empréstimo dos livros, os momentos de leitura deleite, dentre outros. Entretanto, percebemos que ainda é tímido, por parte desses docentes, o uso dos livros como suporte para atividades de apropriação do SEA, apesar de existirem livros específicos voltados para o eixo de análise linguística. Como aspectos positivos apresentados pelos docentes, destacamos, ainda, o avanço na leitura e compreensão de textos por parte das crianças.

Concluimos, assim, que o Acervo Complementar parece estar cumprindo com seu objetivo de encantar e seduzir os jovens leitores, além de auxiliar o professor em seu trabalho pedagógico. Concluimos, ainda, que os docentes entrevistados pareciam compreender a importância destes livros para o ciclo de alfabetização, além de possuírem conhecimentos válidos relativos à utilização das obras no cotidiano da sala de aula, principalmente no que se refere ao trabalho com o eixo de leitura de textos.

Referências

ALBUQUERQUE, Rielda K. de.; CRUZ, Magna do C. da Silva. PNLD 2010 - acervos complementares: os saberes de duas professoras da rede pública de Camaragibe sobre as possibilidades de usos dos livros para o ensino da leitura. **Leitura: teoria & prática**. Campinas: Global, 2012.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Acervos complementares: as áreas do conhecimento nos dois primeiros anos do ensino fundamental**, Brasília, 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Acervos complementares: alfabetização e letramento nas diferentes áreas do conhecimento**. Brasília, 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: formação de professores no pacto nacional pela alfabetização na idade certa**, Brasília, 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: o trabalho com gêneros textuais na sala de aula**. Brasília, 2012.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. **Pesquisa pedagógica: do projeto à implementação**. Porto Alegre: Artemed, 2008.

LEAL, Telma Ferraz; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. Textos que ajudam a organizar o dia-a-dia. In: BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Sousa. (Orgs.) **Leitura e produção de textos na alfabetização**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

LEAL, Telma Ferraz; RODRIGUES, Siane Gois C. Além das obras literárias, que outros livros queremos na sala de aula? In: LEAL, Telma Ferraz; SILVA, Alexandro da. (Orgs.) **Recursos didáticos e ensino da língua portuguesa: computadores, livros... e muito mais**. Curitiba: Editora CRV, 2011, v.1, (p. 95-114).

LEAL, Telma Ferraz. LIMA, Juliana Melo. Obras complementares: cada livro, uma viagem. In: BRASIL. Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: alfabetização para todos: diferentes percursos, direitos iguais**. Brasília, 2012.

MORTATTI, M.R.L. **Os sentidos da alfabetização** (São Paulo: 1876-1994). São Paulo: UNESP, 2000.

PÁDUA, Elisabete M. M. de. **Metodologia da pesquisa: abordagem técnico-prática**. 10. ed. Campinas: Papirus, 2004.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

Recebido em: 17/03/2015

Aprovado em: 06/04/2015

Para referenciar este texto:

MENDES, Estephane Priscilla dos Santos; SILVA, Alexandro da. Os usos de obras complementares: o que dizem professoras(es) alfabetizadoras(es)? **Lumen**, Recife, v. 24, n. 1, p. 57-71, jan./jun. 2015.